

Ciência versus Letras no Brasil republicano: a especialização do conhecimento médico através da trajetória de Afrânio Peixoto.

RENATA PRUDENCIO DA SILVA*

O objetivo deste trabalho é discutir a atuação de Afrânio Peixoto (1876-1947) como um personagem que circulava entre os mundos da ciência e das letras visando observar as articulações possíveis entre esses dois espaços de atuação, partindo de argumentos desenvolvidos no livro de Dominichi Sá (2006) sobre a profissionalização da ciência no Brasil. Pretende assim analisar o processo que levou à diferenciação entre as categorias de cientista e literato no contexto das primeiras décadas da república, considerando a relevância deste período para a história social e intelectual do Brasil no que diz respeito à convivência de dois modos de pensar a construção de conhecimento. O que é tomado por Sá como um *entrelaçamento de dois tempos*, retratado pelo enfrentamento de modelos de produção e análise diversos. (Sá, 2006:186).

Pretendemos assim, proceder a um aprofundamento analítico em dois níveis: por um lado efetuo uma mudança de perspectiva na medida em que acompanho tais debates privilegiando os discursos e a trajetória de Afrânio Peixoto; o que, por outro lado, torna possível deslocar o foco dos debates que giravam em torno da diferenciação entre os campos da literatura e da ciência para recolher também as discussões que diziam respeito à especialização médica que se desenrolaram dentro deste próprio campo.

A trajetória de uma personagem como Afrânio Peixoto que, tal como definiu Leonídio Ribeiro, desfrutou de “uma existência vivida em sua mais alta expressão” (Ribeiro, 1950: 3), representa objeto exemplar para a análise da transformação e diferenciação dos modos de produção cultural no Brasil entre os séculos XIX e XX. A escolha pela figura de Afrânio Peixoto se dá não somente por ele ter produzido intensamente nesta época, já que se contam mais de cem publicações, mas também porque era um daqueles que transitavam entre os mundos da ciência e das letras, isto é, foi um dos intelectuais do período que, apesar de imerso nas controvérsias entre ser um

* Doutoranda com apoio Capes. Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde – Cada de Oswaldo Cruz – Fiocruz.

cientista ou um literato, não se acastelou especificamente em nenhum destes dois mundos.

Através de uma breve perspectiva sobre a vida de Afrânio Peixoto (1876-1947), podemos perceber a importância deste baiano, natural da cidade de Lençóis na Chapada Diamantina, para o movimento intelectual e científico do Brasil de início do século XX, principalmente no que diz respeito a multiplicidade de elementos que agregou em sua biografia que se relacionam diretamente com os acontecimentos da vida social do Brasil em sua época. Sua trajetória profissional científica teve início com seu ingresso na Faculdade de Medicina da Bahia aos 16 anos doutorando-se com a tese “Epilepsia e crime” (1897). Foi ainda professor de medicina pública da Faculdade de Direito de Salvador (1900), até que no ano seguinte se transferiu para o Rio de Janeiro ocupando o cargo de Inspetor Sanitário de Saúde Pública (1902). Ainda exerceu os cargos de diretor interino do Hospital Nacional de Alienados (1904), de titular da cátedra de higiene e medicina legal da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1906), bem como também dirigiu o Serviço Médico Legal do Rio de Janeiro (1907). Ainda foi eleito pela Congregação de Medicina Pública da Faculdade de Direito, que o dispensou do concurso, elegendo-o por ser autor de obra de notável saber (1913).

Dentre os acontecimentos de sua trajetória literária e intelectual podemos ressaltar sua eleição, em 1911 para a Academia Brasileira de Letras, onde teve uma participação de destaque na recepção dos médicos eleitos às cadeiras de acadêmicos, tornando-se, em 1923, presidente desta instituição. Afrânio Peixoto escreveu diversos romances durante sua vida com representativas tiragens para o período. Dentre os acontecimentos mais relevantes de seu currículo e vida pública estão sua eleição e reeleição para deputado pelo estado da Bahia (1924/1928) e sua nomeação como reitor da Universidade do Distrito Federal (1934).

Assim, do mesmo modo que atuava como médico, diretor do Hospício Nacional de Alienados, professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, sendo ativo em instituições como a Academia Nacional de Medicina, onde ingressou em 1903, também transitava pelo mundo das letras, da retórica e do belo discurso que se produzia na Academia Brasileira de Letras, onde foi eleito para a vaga de Euclides da Cunha.

Deste modo, mais do que lidar com as questões da profissionalização da ciência parto da ideia de que Afrânio Peixoto teve que responder sobre seu posicionamento

neste intercâmbio de tempos. Para entendermos os modos pelo qual negociou sua posição social analisarei, a constituição dessa elite intelectual que se esforçava por definir seus papéis no campo de produção cultural.

É necessário perceber os intelectuais de sua época não enquanto um grupo homogêneo, mas sim consideravelmente heterogêneo, vinculados por interesses diversos e antagonicos. Principalmente quando tomamos como nota que as fronteiras entre as diversas áreas de atividade intelectual não estavam plenamente definidas, estes interesses acabavam por se cruzar com frequência, o que, para Mariza Corrêa (1998), seria típico do perfil/identidade do intelectual brasileiro até a década de 1930. Segundo esta autora, uma característica clara da trajetória intelectual dos personagens deste período seria a circulação institucional e política que promoviam: estes mesmos atores, parecendo não conhecer limites à sua ação social, agenciaram o trabalho de circunscrição de suas esferas de atuação profissional (Corrêa, 1998:18).

Para Sá (2006) tal agenciamento estaria expresso, por um lado, na crítica acerca do cultivo de conhecimento geral e enciclopédico e no conseqüente elogio da especialização do conhecimento e, por outro lado, na crítica ao desmazelo pela escrita daqueles que se intitulavam homens de ciência. A acusação que pesava sobre os cientistas de escreverem mal, de modo incorreto e desleixado seria para estes o modo de afastarem-se da escrita literária que consideravam pomposa e vazia. (Sá, 2006:130).

Este seria um período de coexistência entre os “velhos critérios de reconhecimento intelectual e os novos modelos de expressão das idéias” (Sá 2006:23). Isto se tornava ponto capital para aquele que se aventurasse na produção intelectual/científica no período, na medida em que era necessário filiar-se a um destes grupos: ora definindo sua produção vinculada à formação humanística que receberam, com a retórica constituída como a ciência da organização e transmissão de pensamentos, ora atrelando-se ao grupo dos chamados especializados, que apesar de receberem a mesma formação humanística de seus contemporâneos, estavam a pleitear a associação entre sua formação intelectual e atividade profissional, filiando-se então a uma tradição de pensamento diversa de até então. (Sá, 2006: 23)

Neste sentido este trabalho se estrutura em dois eixos. O primeiro pretende demarcar brevemente o contexto da república, ou seja, as expectativas e em grande medida a frustração dos intelectuais brasileiros com o novo sistema de governo,

indicando em linhas gerais as ações destes intelectuais/cientistas no contexto dessas transformações sociais e na possibilidade de atuarem em articulação com o Estado. Nestes termos, a compreensão do que representou a República naquele período nos permite observar o que parece ter sido o grande mote do Brasil das primeiras décadas do século XX que mobilizou a intelectualidade da época: a questão nacional e as soluções propostas.

Tal percurso é necessário para entendermos o contexto no qual Afrânio Peixoto viveu e que podemos considerar como marcado por uma re-significação das artes de produzir conhecimentos ou bens simbólicos. Este movimento pode ser retratado principalmente pela **diferenciação** entre o fazer literário e o fazer científico por um lado e, por outro lado, pela produção de um processo de **especialização** interno ao campo científico, em particular da medicina, com a afirmação de suas especializações, a exemplo da medicina tropical que, no Brasil, esteve fortemente associada às práticas de laboratório. (Edler, 2010).

Em um segundo eixo pretendo observar o lugar de Afrânio Peixoto nesses processos observando-se suas posições tanto nos discursos gerados externamente ao campo médico-científico – relativos às eleições de médicos para a Academia Brasileira de Letras – quanto naqueles produzidos internamente ao campo científico, no que diz respeito a polêmica protagonizada por Carlos Chagas e Afrânio Peixoto, por conta de desinteligências sobre a doença de chagas.

1. A jovem república como cenário

Para entendermos a ambiência em que estes sujeitos estavam imersos é importante conhecermos as condições sociais e políticas do Brasil da virada do século XIX para o século XX. É comum nos muitos trabalhos que tratam deste período nos depararmos com a afirmação de que nossa sociedade, sobretudo o Rio de Janeiro, foi palco de profundas transformações políticas, econômicas e sociais, ressaltando-se os dois principais acontecimentos desta virada de século, a abolição da escravidão e a proclamação da república, como os dispositivos destas mudanças.

Do desdobramento destes acontecimentos parte uma das justificativas para as intervenções sociais mais ressaltadas nos trabalhos históricos sobre o período, e que de fato encontramos nos documentos de época, fundamentando, se não ações concretas,

pelo menos os projetos propostos pela diversidade de intelectuais e políticos do período: a questão nacional, o país que estava por ser feito.

Entre tais proposições nos interessa sobretudo a que articula as questões médico-sanitárias, orientadas cientificamente, com a construção de uma sociedade nos trópicos moldada aos ideais de civilização europeus, onde a temática do clima, saúde e doença se imbricavam na possibilidade de constituir indivíduos socialmente viáveis. Ressalto tal articulação na medida em que percebo que todos os projetos do período que se justificavam na expectativa de redenção da nação partiam de uma determinada visão de Brasil, em que se demarcavam seus problemas e suas possibilidades.

Lúcia Lippi Oliveira (1990) ao discutir a questão nacional nos oferece um panorama do contexto e dos atravessamentos da República no pensamento daqueles indivíduos que se preocupavam em refletir sobre os destinos do Brasil como nação. Apesar dos mais diversos ideais de república e de republicanos, a autora afirma que os intelectuais do período percebiam o novo sistema de governo como o ingresso do país no mundo civilizado. Apesar de não terem participado diretamente da conformação da ordem republicana no Brasil, estes intelectuais, “publicistas” dos ideais republicano, homens como Silva Jardim, Lopez Trovão e Raul Pompéia, acreditavam que a monarquia representava um atraso em relação ao regime republicano, constituindo-se este último em um governo da opinião pública, ausência de privilégios e igualdade perante a lei. (Oliveira, 1990:91).

É deste modo que a autora credita o ideário nacionalista a uma produção dos intelectuais que, independentes de suas formações, bacharelescos ou especializados, sempre se preocuparam em refletir sobre os problemas do Brasil e em propor soluções. É neste sentido que afirma que estes intelectuais consideravam-se “imbuídos de uma missão e procuraram difundir suas propostas mediando aspirações nacionais e políticas governamentais”, de tal modo que teriam buscado “criar um ideário nacional baseado em um culto a uma tradição passada ou trabalharam na construção de uma nova tradição”. (Oliveira, 1990: 187).

Como ressalta Ângela de Castro Gomes (2010) estes intelectuais se constituíam em uma categoria profissional que não possuíam contornos muito rígidos, caracterizados como produtores de interpretações sobre a realidade social do Brasil. Esta autora também caracteriza a primeira república como um momento de grande

riqueza de debates de ideias políticas e culturais voltadas para entender e resolver o problema do atraso do país, tanto pela recente escravidão quanto pelo regime monárquico; e essa perspectiva de atraso torna inteligível esta busca por modernização. De acordo com a autora, era consensual a ideia de que tal objetivo só seria alcançado através do auxílio da ciência, caracterizando assim, este período de nossa história, pela sua fertilidade na construção de reflexões que, com o aval da ciência, investiriam na civilização do Brasil. (Gomes, 2010: 12).

É neste sentido que Margarida de Sousa Neves (2010) afirma que na equação entre república, ciência e lugar social dos cientistas, no que diz respeito aos mais atuantes no período – os engenheiros e os higienistas – estes eram tomados como “agentes modernizadores por excelência do país”, percebidos como “artífices da modernização de sua cidade-capital” (Neves, 2010: 34). Na caracterização destes cientistas, a autora demarca dois traços comuns em meio a grande diversidade que possuíam. Por um lado a atuação em diversos campos, o que denominou de “onipresença em múltiplas fronteiras intelectuais” (Neves, 2010: 34), tendo como exemplo o próprio Afrânio Peixoto. Por outro lado, demarca a proximidade destes com as estruturas do Estado, isso por que o Estado seria historicamente em nosso país o mais importante agente financiador da ciência e da prática científica. Além disso, estes intelectuais/cientistas almejavam transformar o Estado por dentro de suas estruturas, através do exercício de “uma cidadania ativa e diferenciada, porque qualificada pela ciência”. (Neves, 2010: 35).

Por mais que em princípios do século XX estes intelectuais ainda pudessem ser representados por essa diversidade de atuações, com um único indivíduo cooptando diversos títulos, dentre os quais os de cientista, letrado, bacharel e literato, este também foi o período onde essas categorias mais se confrontaram no movimento de sua diferenciação. Desta forma, este momento de grande produção de perspectivas sobre a nação também se constituiu como um período em que se re-significaram os modos de produzir conhecimentos científicos. Tal como mencionado neste trabalho, considero que no processo histórico da ciência no Brasil do início do século XX é possível identificar dois movimentos: um de diferenciação do campo das letras e o segundo de especialização do próprio campo médico-científico, com uma nítida hierarquização interna da arena médica.

2. Academia Brasileira de que?

O movimento de diferenciação é notável nos registros da Academia Brasileira de Letras, um dos palcos privilegiados no debate e distinção do que pertencia ao campo da arte, e o que concernia à ciência, bem como a função social de cada um destes campos.

Em vários momentos dos discursos dos acadêmicos da ABL, ao longo dos primeiros anos do século XX, podemos perceber uma necessidade em demarcar os limites daquilo que seria território da arte e das letras diferenciando-o em sua função social do território da ciência. Um dos mais representativos neste sentido seria ainda o discurso de posse, em 1905, de Sousa Bandeira. Segundo este imortal a ciência buscaria a análise através da observação e seu campo de ação seria adstrito à experimentação e a crítica, o que conseqüentemente estreitaria os limites do mundo que conhece. (Sousa Bandeira, 2005: 185).

Esta se constituiria como a diferença fundamental entre a ciência e a arte, a primeira funcionando dentro de seus próprios limites e a segunda não conhecendo limites se não o do próprio espírito humano. É assim que sobre a ciência diz: “Tudo nela é relativo e contingente, quando, armada de microscópios e retortas, vem lembrar à triste humanidade as asas de chumbo que a impedem de se alar às etéreas regiões do desconhecido”. Já à arte caberia a função justamente inversa de libertar os espíritos, ou segundo suas palavras: “Só a divina arte libertadora é que pode fornecer à humanidade o meio de fugir deste sombrio pessimismo, seguindo o caminho exatamente contrário ao do método científico, permitindo ao espírito inventar as soluções que a ciência não pode demonstrar”. (Sousa Bandeira, 2005: 186).

Sousa Bandeira segue seu discurso caracterizando e distinguindo a arte da ciência, os modos pelos quais uma e outra operam e as funções sociais de ambas. É deste modo que concebe a ciência como uma raiz de um desconforto humano, na medida em que retiraria a fé e as ilusões do homem moderno, ou segundo suas próprias palavras: “Os laboratórios demonstraram por $a + b$ que a humanidade se deve contentar com o que lhe fornecem as experiências científicas, e uma legião de sábios, municada com instrumentos de precisão, vai expelindo da terra as suaves consolações de que a fé havia povoado a vida”. (Sousa Bandeira, 2005: 186).

Assim é que percebe os indivíduos de sua época, divididos entre a realidade imposta pela ciência e as consolações da arte:

“O homem moderno, acabrunhado pelas demonstrações científicas, que friamente lhe despedaçaram as mais consoladoras ilusões, queda-se um instante a cismar sobre o paraíso perdido de suas crenças. Então, (...) ouve o canto do pássaro êxul da poesia de uma modulação tão vária, tão seguida, tão suave, tão saudosa, que o faz esquecer tudo, até o momento em que explicando os breves ramos de suas ligeiras penas, vai cortando esse golfo dos ares e desaparece, deixando se dobrarem os séculos sobre a eterna ilusão que, superior ao tempo e ao espaço, funde em um único sonho o passado e o futuro, e realiza a completa despersonalização do homem no seio fecundo da arte”. (Sousa Bandeira, 2005: 186).

Podemos compreender, através do discurso de Sousa Bandeira, que a arte complementar a ciência neste processo de cultivo do espírito humano: a prática científica buscaria a verdade e precisão, enquanto que à arte caberia a tarefa de engrandecer e principalmente consolar os indivíduos, esses “homens do século positivo”, que tinham que lidar com a redução da natureza, dos corpos celestes e até da biologia humana, em funções algébricas. Tais homens necessitariam, segundo Sousa Bandeira, da consolação da poesia, esta compreendida como as *doces mentiras* que retirariam momentaneamente o espírito humano da *hediondez de sua miséria*. (Sousa Bandeira, 2005: 186).

A ciência, que não teria como atribuição consolar ninguém, mas sim abrir os olhos da humanidade, teria como função permitir as sociedades que se estabeleçam em melhor estado de conforto e progresso. Entretanto, segundo o autor em questão, esse aperfeiçoamento material não seria suficiente para mediar o espírito humano em sua relação com a natureza, somente a arte poderia interpretar “o lado trágico da natureza que escapa aos acurados elementos da observação científica”. (Sousa Bandeira, 2005: 187).

O acadêmico tece ainda mais uma diferenciação entre a ciência e a arte: a liberdade de produção. O espírito do poeta, contrário ao do cientista, seria sempre livre mesmo nos mais restritos modelos das escolas literárias. Em suas palavras, não poderíamos submeter “à dosagem científica o pedaço de azul de que precisa a alma humana para fugir à esmagadora melancolia da vida”. (Sousa Bandeira, 2005: 187).

A última contribuição importante no discurso de Sousa Bandeira é aquela que demonstra que este processo de diferenciação entre o artista e o cientista ainda estava em andamento. Segundo Sousa Bandeira existiriam modos diversos de se relacionar

com a arte e com a ciência, que incluíam os indivíduos que somente se interessavam pelas manifestações da beleza da natureza, bem como aqueles que se preocupavam, exclusivamente, com as leis dos acontecimentos e que “ao aspirarem o perfume de uma flor, pensam nas palavras de baixa latinidade que designam o seu gênero e a sua espécie na classificação de Lineu” (Sousa Bandeira, 2005: 187).

Naquele momento, entretanto, ao que parece não se constituía um problema um mesmo indivíduo transitar por estes dois espaços, como os poetas que estavam a par do movimento científico de sua época e não deixavam de considerar a natureza sob suas convicções filosóficas, ou como os cientistas impregnados pelo espírito literário, homens que “não desdenham de praticar com as musas, sem destoar da gravidade exigida nos apóstolos da ciência experimental”. (Sousa Bandeira, 2005: 188).

Observa-se assim, nestes primeiros anos do século XX a convivência entre duas posições a respeito da relação entre o mundo da ciência e o mundo literário. De um lado estavam aqueles que afirmavam a diferença entre estes campos de produção do conhecimento, mas que ainda assim consideravam possível a um mesmo indivíduo contribuir para esses dois mundos. De outro lado encontramos aqueles que se alinhavam à concepção de que haveria sim uma diferenciação entre arte e ciência, e que tal diferença tornava inconciliável a um mesmo indivíduo produzir para os dois mundos. A partir da segunda década do século XX é possível apreendermos uma ênfase crescente desta segunda posição, antagonizando as figuras do literato e do cientista, e intensificando a contraposição destas arenas de produção. Neste sentido ressaltamos os confrontos gerados pela defesa de territórios de saber, observados através das polêmicas nas eleições de médicos para a Academia Brasileira de Letras, período repleto de contendas que justamente refletem os momentos mais acirrados na diferenciação de dois modos diversos de produção intelectual.

Deste modo torna-se interessante observarmos como Afrânio Peixoto toma parte importante no desenrolar dos acontecimentos por ocasião da indicação de Oswaldo Cruz para uma cadeira na ABL, assinalando-se que tais eventos de eleição para ocupação do “cargo” de imortal são casos exemplares de disputas sociais e institucionais pela primazia da produção intelectual.

Segundo Dominichi Sá (2006: 145), poucos dias após a eleição de Oswaldo Cruz, Carlos Laet¹, também acadêmico, teria exigido o esclarecimento sobre as condições de admissão na Academia, pois este não se conformaria com a ambigüidade entre as carreiras literária e científica presente naquela instituição que originalmente deveria ser somente de letras. A polêmica gerada com a eleição de Oswaldo Cruz teria se prolongado até o ano seguinte, o que pode ser avaliado por intermédio tanto de seu discurso de posse, quanto pela palestra de recepção de Afrânio Peixoto que, foi o acadêmico indicado para saudar Oswaldo Cruz.

Em seu discurso de posse, em 1913, Oswaldo Cruz agradeceu a indulgência dos acadêmicos para com ele, utilizando-se ainda de uma lei biológica para explicar que a reação seria sempre maior que a ação, caso de sua eleição para a ABL, em que toda a censura sofrida teria sido revertida naquele momento em que

“um modesto homem de laboratório, um trabalhador que só tem o mérito de prezar, antes de todas as coisas, a profissão que abraçou, depois de atacado com veemência, no começo de sua vida pública, se vê elevado à culminância que hoje atinge – tomando lugar entre os que formam a elite da intelectualidade brasileira”. (Cruz, 2005: 559).

Em sua fala na recepção de Oswaldo Cruz, Afrânio Peixoto afirmava que não haveria nada de surpreendente em sua presença naquela instituição, por que, dentre outros motivos, não fixava-se ainda a distinção entre ciências e letras. Assim, segundo suas palavras, a Academia: “lhes confia que não conseguiu ainda divulgar diferença essencial entre ciências e letras, a não ser que umas se fazem com as outras, e estas, pela literatura – revelação do ambiente, do povo, da ocasião – incluídas assim no determinismo científico”. (Peixoto, 2005: 579).

Afrânio Peixoto, em segmento de seu discurso intitulado “Ciência e literatura”, considera que tudo seria comum à inteligência, e mesmo “o folclore, ocupação de literatos até ontem, é a fama, de agora, estudo de etnografia.” Já a história também reclamaria por leis científicas “para se acreditar de verossímil; toma borla e capelo a filosofia, para parecer psicologia experimental”. (Peixoto, 2005: 580). Ainda em sua consideração sobre as imbricações entre literatura e ciência, Afrânio Peixoto afirma que

¹ Carlos Maximiliano Pimenta de Laet (1847 – 1927) foi jornalista, professor, poeta e fundador da cadeira número 32 da ABL. Foi eleito deputado em 1889, mas com o advento da República não chegou a exercer o cargo.

seria tão medíocre segregar as ciências das letras “como seria exigir que só se considerem estilistas aos que escrevam com um estilete”. (Peixoto, 2005: 580).

É notável no discurso de Afrânio Peixoto sua preferência pela visão a respeito do mundo das ciências e das letras que retratasse ao mesmo tempo suas diferenças e suas possibilidades de convivência, aderindo assim à posição de Sousa Bandeira, de quase uma década antes.

Com a morte de Oswaldo Cruz, em 1917, quatro anos após sua entrada na ABL, outro homem de ciência foi eleito para ocupar a cadeira nº 5 – o médico Aloísio de Castro – e mais uma vez seria Afrânio Peixoto o responsável por recepcionar e discursar em sua posse. Teria neste momento reforçado sua posição sobre a pertinência da convivência entre literatura e ciência, voltando à carga da defesa da entrada dos cientistas na ABL e ressaltando que dentre os acadêmicos nenhum possuía a literatura como profissão. Segundo Afrânio, eram advogados, juízes, professores, militares, políticos, diplomatas e funcionários. Afirmava assim que “Toda a gente de qualquer ofício pode fazer belas-artes, se tem gosto e saber, tendência e incentivo”. E colocava a seguinte questão: “Por que só aos médicos se hão de fazer maus modos e achar que não devem pretender o que é lícito a todo o mundo ainda menos culto e menos exercido?” (Peixoto, 2005: 952).

Na defesa deste ponto de vista estavam também outros acadêmicos, tal como Medeiros e Albuquerque², que afirmava não perceber o motivo do estranhamento acerca da figura de um cientista-literato, chegando mesmo a debochar da descrença com que parte da sociedade veria o talento polivalente de alguns, afirmando que sobre Afrânio Peixoto “pensariam tratar-se na verdade de uma firma social, ou, quem sabe, de um pseudônimo para um grupo de homens de letras e de ciências interessados somente em fazer pilhérias com os demais”.³ (Sá, 2006: 149). Segundo Sá (2006) para Medeiros e Albuquerque essa idéia faria sentido porque os partidários da especialização estavam tão completamente convencidos de que “profissão” e “competência específica” andavam juntas que “só poderiam mesmo duvidar da existência, em carne e osso, dos enciclopédicos” (Sá, 2006: 149).

² José Joaquim de Campos da Costa Medeiros e Albuquerque (1867 – 1934), nascido no Recife foi jornalista, professor e político entre outras atribuições. Fundador da cadeira número 22 da ABL.

³ Referência citada pela autora: O Estado de São Paulo 17/12/1919 – Arquivo Pessoal de Afrânio Peixoto. Centro de memória - ABL.

É interessante perceber como esta disputa, acontecimento cotidiano na vida destes personagens, colocava em jogo a fixação das práticas ideológicas do período. Neste contexto, figuras sínteses como Afrânio Peixoto, tentavam equilibrar aquela contenda, possibilitando a associação destes dois mundos, literário e científico, tanto no interior de um mesmo espaço institucional, caso da ABL, quanto como características próprias de um mesmo indivíduo. Tarefa árdua quando percebermos que a necessidade daqueles intelectuais de tomarem partido por um destes dois mundos significaria afirmar sua própria pertinência e lugar no cenário cultural do período.

3. Medicina experimental, medicina tropical e o Brasil como nação.

Ressalto ainda um segundo movimento neste processo de profissionalização da ciência, o que podemos tomar como uma afirmação da importância da especialização, a qual se fez presente tanto no espaço institucional da ABL, quanto naquela considerada mais pertinente ao mundo da ciência, especialmente à ciência médica, a Academia Nacional de Medicina. Neste sentido aparece como relevante as discussões em torno de uma medicina tropical para o Brasil, visto que a afirmação de tal ramo médico implicou em mudanças no próprio campo médico e se desdobrou para fora do campo científico em suas relações com o Estado e com a produção de projetos para a nação. Assim, podemos entender os personagens deste período não somente por intermédio de seu lugar no mundo científico, mas primordialmente posicionados politicamente, no contexto da ideologia nacionalista do período.

O trabalho encabeçado por Oswaldo Cruz no combate à febre amarela, que debelou a doença que grassava livremente pela capital foi o emblema da modernização do país através da ciência médica, e não à toa o lançou à categoria de herói nacional. Tal trabalho representava a possibilidade de regeneração da nação através de uma medicina que estaria se aperfeiçoando através das técnicas de laboratório.

Segundo Aloísio de Castro na época da instalação do Instituto de Manguinhos, sob a direção de Oswaldo Cruz, a medicina estaria atravessando um período de reformas e de aperfeiçoamento através da aplicação dos métodos laboratoriais à prática clínica. Desta forma a clínica até então regida por métodos como *intuição médica*, *olho médico* e *tino médico* seriam complementadas com o auxílio do laboratório, fazendo com que os diagnósticos ganhassem uma precisão nunca antes conhecida. (Castro, A. 2005: 941).

Esta seria uma das heranças atribuídas a Oswaldo Cruz: impulsionar a medicina do Brasil formando discípulos responsáveis por muitas descobertas “nos assuntos da chamada patologia tropical”. (Castro, 2005; 942). Buscar a solução para os problemas das patologias do país seria no fim das contas, segundo Aloísio de Castro, nacionalizar a medicina. (Castro, A. 2005: 942).

Afrânio Peixoto revela o otimismo sobre as conquistas de exatidão e eficiência desta ciência nascente, tratava-se da modernização do campo médico em oposição às antigas práticas clínicas, do mesmo modo que se opunha a moderna república ao atrasado sistema monárquico. A medicina experimental representava o modo mais simples e eficaz de atingir a verdade, de solucionar os males do país. (Peixoto, 2005: 960).

Dado o sucesso da campanha de Oswaldo Cruz contra a febre amarela, debelando a doença em curto espaço de tempo, e das esperanças contidas na prática da medicina experimental podemos divisar como, na acepção de alguns grupos, seria um retrocesso para a construção da imagem do país associá-lo às doenças.

É importante ressaltar que, neste contexto, Afrânio Peixoto se constituía em um dos críticos ferrenhos da noção de determinismo climático, e acabou por se pronunciar em diversas ocasiões contra a idéia de doenças tropicais. Este ponto foi analisado por Venancio e Carvalhal (2001; 2005) especificamente com relação ao tema das doenças mentais no Brasil. Segundo as autoras, dentre os diversos empreendimentos em torno da constituição de uma psiquiatria científica em nosso país, Afrânio Peixoto e Juliano Moreira publicaram, em 1906, o texto intitulado “Les maladies mentales dans les climats tropicaux”, no qual defendiam a impropriedade de afirmações sobre a correlação entre as condições climáticas e raciais brasileiras e a existência de maior incidência de doenças mentais em nosso meio. A defesa por Afrânio Peixoto e Juliano Moreira da viabilidade do povo brasileiro frente ao ideal de civilização europeu, pode ser conferida em seus próprios termos:

“(...) o clima não influi em nada sobre os sintomas das diversas psicoses. É no grau de instrução do indivíduo que reside a causa das diferenças que podem apresentar. O descendente puro de dois caucasianos, igualmente puros, criado no interior, pode apresentar os mesmo delírios rudimentares que os indivíduos de cor desprovidos de instrução” (Moreira; Peixoto, 1906: 238)

Por outro lado também é importante considerarmos o que Edler (2010) denominou de *dinâmicas socioprofissionais do meio médico* para entendermos a perspectiva daqueles que se empenhavam na pesquisa microbiológica, em que a existência de uma doença associada ao país seria uma importante justificativa na afirmativa dos conhecimentos que produziam, bem como na ampliação institucional que desejavam. Através deste viés podemos compreender a relevância da discussão e ainda a implicação de Afrânio Peixoto nos debates sobre a chamada doença de Chagas, identificada como doença do Brasil.

Entretanto, Kropf (2009) afirma que o conflito entre Afrânio Peixoto e Carlos Chagas sobre a importância da Doença de Chagas, esteve relacionado ao debate sobre a própria medicina tropical em sua articulação com os significados de construção de uma identidade nacional. Deste modo a autora considera que a disputa em torno da tripanossomíase americana deve ser entendida nos termos de uma controvérsia científica e política, ressaltando assim o debate nacionalista do período. A polêmica na legitimação da doença representaria o embate entre duas posições científicas e políticas: entre aqueles que afirmavam e os que negavam a condição do Brasil como um imenso hospital. (Kropf, 2009: 220).

Assim, podemos entender os embates entre aqueles médicos como exemplos de contradições científicas, confrontos relativos a posicionamentos diversos dentro do campo em que atuavam. Segundo Edler (2010) Afrânio Peixoto e Carlos Chagas estariam de acordo em relação à ideia de que o clima não constituiria fator etiopatogênico de nenhuma doença, podendo apenas modificar as doenças ocasionando variedades nosológicas, dado a riqueza da fauna e flora patogênicas. (Edler, 2010: 352). A discordância estaria no fato de que para Peixoto não existindo doenças climáticas não existiriam também doenças tropicais. Já para Chagas existiriam doenças tipicamente tropicais, “cujos processos etiológicos e patogênicos estavam subordinados aos fatores climáticos”, representando assim as enfermidades mais relevantes do ponto de vista não só médico, mas também social, já que proceder a pesquisa da nosologia brasileira equivaleria a trabalhar para a *redenção sanitária* do país. (Edler, 2010: 352).

Concluindo

Foi objetivo deste trabalho que, por meio do reconhecimento das noções que Afrânio Peixoto professou, em determinados espaços institucionais, sobre a as relações

entre as letras e as ciências, pudéssemos convergir, para uma, das diferentes concepções sobre o Brasil que então se produziam no início do século XX.

Percebe-se assim, no início do século XX, a articulação entre médicos, sanitaristas, engenheiros e educadores em suas atuações no processo de modernização da sociedade brasileira. Tratava-se de profissionais que pretendiam “selar o presente enquanto marco divisório entre um passado condenado como sinônimo de atraso e inércia e um futuro enaltecido como símbolo de promissoras potencialidades para a redenção nacional” (Herschmann, Kropf e Nunes, 1996: 8). A questão principal dos intelectuais brasileiros daquele período, não importa qual fosse seu ramo de atuação, era a definição do Brasil e de sua população perante o mundo civilizado.

Assim, foi possível distinguir como era grande a diversidade dos atores deste período, literatos puros, cientistas puros, ou o cientista/literato, freqüente figura deste período, médicos de formação que não deixavam de cultivar o espírito letrado. Entretanto apesar de tal diversidade podemos sempre encontrar em suas obras o mesmo dispositivo, a necessidade de transformar, modernizar e civilizar o Brasil.

É somente quando compreendemos as implicações políticas de cada um destes projetos que podemos entender como um médico, que afirmava a possibilidade de um mesmo indivíduo transitar nos campos da arte e da ciência, ao mesmo tempo, ressaltava a especialização médica no que dizia respeito aos triunfos da medicina experimental e rechaçava um fruto deste processo, que seria a medicina tropical. Finalmente, podemos ressaltar que no que diz respeito especificamente ao processo histórico da ciência no Brasil, na transição entre os séculos XIX e XX, a existência destes múltiplos embates revela no final das contas a mesma disposição cívica, a mesma vontade patriota representadas por projetos os mais diversos.

4. Referências Bibliográficas

- CASTRO, Aloísio de. *Discursos acadêmicos*. Tomo I, volumes I - II - III - IV - 1897/1919. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005.
- CONCEIÇÃO, Augusto Costa. Afrânio Peixoto e a psiquiatria brasileira. In: *Paranóia: vaidade, presunção, complexo de inferioridade, delírios de grandeza e perseguição individuais e coletivos*. / Afrânio Peixoto. – Edição Fac-similar – Salvador: Fundação Pedro Calmom, 2008.

- CORRÊA, Mariza. *As ilusões da liberdade: a escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. Bragança Paulista, BP: Edusf, 1998.
- CRUZ, Oswaldo. *Discursos acadêmicos*. Tomo I, volumes I - II - III - IV - 1897/1919. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005.
- EDLER, Flávio. Medicina tropical: uma ciência entre a Nação e o Império. In: *Ciência, civilização e república nos trópicos: 1889 – 1930*. HEIZER, A., VIDEIRA, A. (orgs.) Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2010.
- GOMES, Ângela de Castro. História, ciência e historiadores na primeira república. In: *Ciência, civilização e república nos trópicos: 1889 – 1930*. HEIZER, A., VIDEIRA, A. (orgs.) Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2010.
- HERSCHMANN, Micael; KROPF, Simone; NUNES, Clarice. *Missionários do Progresso: Médicos, engenheiros e educadores no Rio de Janeiro. 1870-1937*. RJ: Diadorim Editora, 1996.
- KROPF, Simone. Petraglia. et al. Doença de Chagas: a construção de um fato científico e de um problema de saúde pública no Brasil. *Ciência e Saúde Coletiva*, 5 (2): 347-365, 2000.
- KROPF, Simone. Petraglia. Carlos Chagas e os debates e controvérsias sobre a doença do Brasil (1909-1923). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*.vol. 16, supl. 1, jul. 2009, p. 205 – 227.
- MOREIRA, Juliano; PEIXOTO, Afrânio. Les maladies mentales dans les climats tropicaux. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins*, Ano 2, n.1, p.222-241, 1906.
- NEVES, Margarida de Souza. Ciência, civilização e República. In: *Ciência, civilização e república nos trópicos: 1889 – 1930*. HEIZER, A., VIDEIRA, A. (orgs.) Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2010.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- PEIXOTO, Afrânio. *Discursos acadêmicos*. Tomo I, volumes I - II - III - IV - 1897/1919. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005.
- RIBEIRO, Leonídio. *Afrânio Peixoto*. Rio de Janeiro: Edições Conde, 1950.
- SÁ, Dominichi Miranda de. *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.
- SOUSA BANDEIRA. *Discursos acadêmicos*. Tomo I, volumes I - II - III - IV - 1897/1919. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005.
- VENANCIO, Ana. T. A.; CARVALHAL, Lázara. A classificação psiquiátrica de 1910: ciência e civilização para a sociedade brasileira. JACÓ-VILELA, A.M. et.al. *Clio-Psyché Ontem. Fazeres e dizeres psi na história do Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/UERJ, 2001.
- _____. Juliano Moreira: a psiquiatria científica no processo civilizador brasileiro. DUARTE, L.F.D.; RUSSO, J.; VENANCIO, A.T.A.. (orgs.). *Psicologização no Brasil: atores e autores*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005, p. 65-83.